



Cleitinho sai de cena em Minas

Senador anuncia que não será candidato ao governo do estado. Decisão ocorre após longo impasse entre o parlamentar e o partido dele, o Republicanos

» LUÍZA ALTOÉ

Após meses de impasse, o senador Cleitinho de Azevedo (Republicanos-MG) decidiu não concorrer ao governo de Minas Gerais. O anúncio ocorreu ontem, depois de uma reunião com o presidente nacional do partido, Marcos Pereira, e com o presidente estadual, Euclydes Pettersen, em Brasília. O parlamentar apontou como motivo a fragilidade psicológica, tendo em vista a perda do irmão Matheus Azevedo, no último dia 18, vítima de complicações da leucemia.

Ao comunicar a decisão, Cleitinho chorou e pediu desculpas à população do estado. “Quero me dirigir ao povo mineiro. Pedir perdão, porque o momento não está fácil para mim e para minha família. Não adianta eu entrar na campanha do jeito que eu estou. Não estou bem, eu preciso me recuperar, cuidar de mim”, justificou, em vídeo publicado nas redes sociais no qual aparece ao lado de Pereira e Pettersen. A desistência ocorre na contramão do que mostram pesquisas eleitorais, segundo as quais o senador liderava em todos os cenários de primeiro e segundo turnos para o Palácio Tiradentes.

Na postagem, o presidente do Republicanos enfatizou que o partido deu todas as oportunidades e condições para que a candidatura fosse viabilizada, mas que a decisão final coube ao senador e ocorreu de forma espontânea.

“Debatemos exaustivamente esse tema e ligamos para os possíveis partidos aliados — PL, União, PP —, e Cleitinho tomou uma decisão espontaneamente diante do momento difícil que está vivenciando”, frisou. Ele também lembrou que ambos se reuniram na quinta-feira e passaram mais de cinco horas conversando a respeito do assunto.

Com isso, prevalece a posição do Republicanos anunciada na quarta-feira. Na ocasião, o partido afirmou que esteve pronto e “trabalhou duro” para lançar Cleitinho ao governo, mas que a candidatura “nunca foi formalmente assumida por quem deveria liderá-la”. Além disso, apontou a ausência do parlamentar na convenção estadual da legenda. “Apesar das justificativas pessoais, representou um fato político objetivo, que produziu consequências inevitáveis”, acrescentou.

Horas depois da nota do partido, Cleitinho convocou uma coletiva de imprensa e anunciou que seria, sim, candidato ao governo, com o ex-prefeito de Patos de Minas Eduardo Falcão como vice. Desde então, ele tentou reverter a decisão do partido. No fim de semana, reuniu-se com líderes do PL em Minas Gerais — os deputados Domingos Sávio, ex-presidente estadual da sigla, e Zé Vitor, atual presidente — para tratar do assunto. Segundo fontes, o PL teria garantido apoio

Reprodução/Instagram



Cleitinho pediu perdão à população mineira: “Não estou bem”

Saiba mais

Dúvida

- » Com a desistência de Cleitinho, o ex-secretário da Casa Civil do governo Romeu Zema (Novo-MG) Marcelo Aro (PP-MG) trabalha para conseguir o apoio do PL e do próprio Republicanos para se tornar o palanque do senador e candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ) no estado. Aro rompeu com o grupo de Zema para articular a própria candidatura ao Executivo mineiro.
- » Dirigentes do PL em Minas viam Cleitinho como a melhor opção para Flávio, mas afirmam que Aro, embora largue com menos votos do que o senador, pode contribuir por ter um grupo político com

mais capilaridade e estrutura. Aro foi integrante da “tropa de choque” de Eduardo Cunha (Republicanos-RJ) durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff (PT) entre 2015 e 2016.

- » Desde então, Aro acumulou poder em Minas, formando uma bancada leal de deputados, prefeitos e vereadores. Ele também se dedicou à defesa de pessoas com doenças raras. Uma de suas filhas foi diagnosticada com síndrome de Cornélia de Lange, caracterizada por múltiplas malformações, como atrasos no desenvolvimento psicomotor e alterações cardíacas, musculoesqueléticas e gastrointestinais.

a ele no estado, caso a candidatura fosse confirmada.

Segundo a pesquisa Quaest divulgada na última semana, sem Cleitinho na disputa, o cenário para o governo de Minas Gerais fica mais acirrado. Os dados apontam que o ex-prefeito de Belo Horizonte

(MG) Alexandre Kalil (PDT) teria 15% das intenções de voto. No entanto, com a margem de erro de três pontos percentuais, ele empata com Patrus Ananias (PT), que tem 13%. Em terceiro, aparece o atual governador do estado Mateus Simões (PSD), com 9%.

Memória

Idas e vindas

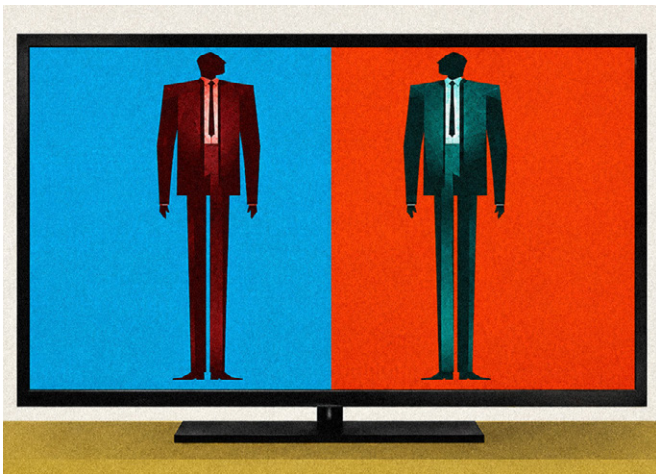
- » Em 25 de julho, o Republicanos fez sua convenção em Minas Gerais, mas o senador Cleitinho não compareceu. A ausência dele manteve a indefinição sobre a candidatura ao governo mineiro, que se arrastava havia meses.
- » Três dias depois, Cleitinho publicou um vídeo nas redes sociais em que usava imagens produzidas por inteligência artificial para simular um diálogo com o pai, José Maria Azevedo, e o irmão, Matheus Azevedo, ambos falecidos. Na gravação, os familiares o incentivam a disputar o governo mineiro. “Seguirei na missão”, afirmava a legenda da publicação.
- » O vídeo foi postado horas depois de pesquisa Quaest mostrar que Cleitinho liderava todos os cenários de primeiro e segundo turno para o governo mineiro.
- » Em 29 de julho, o Republicanos divulgou uma nota informando que o senador Cleitinho não seria mais candidato ao governo mineiro. “O partido esteve pronto. A candidatura, porém, nunca foi formalmente assumida por quem deveria liderá-la”, afirmava o comunicado. A sigla também apontou sucessivos recuos e indefinições que comprometeram a construção do projeto eleitoral.
- » Horas depois, o parlamentar convocou uma entrevista coletiva e, contrariando a própria legenda, insistiu que seu nome seguia no páreo. Também afirmou que conversaria com o presidente nacional do Republicanos, Marcos Pereira, para tentar convencê-lo a oficializar seu nome.
- » Cleitinho e Pereira se reuniram na quinta-feira, mas não houve definição sobre a candidatura.
- » Um novo encontro foi marcado no sábado e remarcado para ontem.
- » No domingo, Cleitinho recebeu os deputados federais mineiros Zé Vitor, presidente do PL em Minas Gerais, e Domingos Sávio, candidato do PL ao Senado. Durante a reunião, os dois reiteraram o apoio do PL ao nome do senador à disputa.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Disputa pela Presidência está aberta e polarizada na largada eleitoral

A realização das convenções partidárias foi marcada pela polarização nas eleições à Presidência da República, que está aberta, com pequena vantagem para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que pleiteia a reeleição, em relação a Flávio Bolsonaro (PL). Esse cenário provavelmente se manterá até o início do campanha eleitoral no horário gratuito de rádio e televisão, em 28 de agosto. Essa data é importante para os demais candidatos que aspiram a um lugar no segundo turno e estão embotados em torno de 5% ou 4% dos votos.

Acontece que os ex-governadores de Goiás Ronaldo Caiado (PSD) e de Minas Romeu Zema (Novo), por serem menos conhecidos fora de seus estados, não conseguiram nacionalizar suas candidaturas. O horário eleitoral gratuito de rádio e televisão, embora já não tenha o mesmo peso de antes nas eleições, será um instrumento de projeção de suas candidaturas para fora dos dois estados. O raciocínio vale também para o candidato do Missão, Renan Santos, mais conhecido em São Paulo.

Domingo, na convenção do PT, Lula apresentou sua candidatura como continuidade de seu governo, mas procurou afastar a ideia de simples repetição. “A minha quarta presidência é para mudar muita coisa neste país”, afirmou. Ao tratar das prioridades programáticas, colocou a educação no centro de um eventual novo mandato: “Sem educação, a gente não chegará aonde nós temos o direito de chegar”. Também convocou o partido a preparar uma campanha apoiada nas realizações do governo: “Nós temos time, nós temos futebol, nós temos o que entregar, nós temos argumento”.

Lula tenta ancorar sua campanha na experiência, nas políticas sociais e na promessa de renovação como ancoragem de sua campanha. O presidente sabe que precisa defender os resultados do governo, mas isso não é suficiente. Ao dizer que não quer ser lembrado apenas pelo Bolsa Família e pelo Brasil Sorridente, Lula reconhece que sua candidatura necessita apresentar um horizonte de mudanças. A defesa do legado mobiliza sua base, porém não elimina as resistências que enfrenta entre eleitores de centro e independentes.

Flávio e Caiado

Flávio Bolsonaro conseguiu absorver os desgastes da crise interna de sua campanha, com a reaproximação de Michelle Bolsonaro, e a equalização dos danos de imagem com o caso Vorcaro. “Está na hora de virar essa página triste da história do nosso Brasil”, afirmou Flávio na convenção de seu partido, referindo-se ao governo. Procura capitalizar o prestígio de Jair Bolsonaro, seu pai: “Sei exatamente o tamanho da responsabilidade que meu nome carrega”.

A anistia dos condenados e investigados pelos atos de 8 de janeiro, entre os quais seu pai, continua no centro de sua agenda. Seu discurso reúne três elementos: continuidade do bolsonarismo, crítica ao Judiciário e promessa de mudança econômica e política. Essa estratégia fortalece sua posição no primeiro turno, mas pode dificultar a conquista dos moderados.

Ronaldo Caiado procura se diferenciar dos dois líderes por meio da experiência administrativa e de uma imagem de autoridade. “Eu sou galo de terreiro, sou acostumado na briga, mas brigo pelo que interessa ao Brasil”, declarou. Defende o agronegócio como instrumento de inserção internacional: “É o único país continental que tem a maior área produtiva do mundo”. Ao afirmar que “quem resolve o problema do Brasil somos nós”, Caiado rejeita tanto a interferência externa quanto a submissão política aos dois polos da disputa. A apresentação de Gilberto Kassab como vice garante estrutura partidária, mas não elimina o risco de cristianização.

Zema e Renan

Romeu Zema adotou um discurso mais ideológico e diretamente antipetista: “A minha bandeira é estar contra o PT, eu vi o PT destruir o Brasil”, disse. Na área fiscal, resumiu sua mensagem numa frase de efeito: “Não falta recurso no Brasil, sobra ladrão”. O candidato também colocou o Supremo Tribunal Federal (STF) no centro de sua campanha, ao dizer que “alguns ministros do STF são uma vergonha não só para o STF como para o Brasil”.

O problema de Zema é que a radicalização do discurso não resultou, até agora, em crescimento eleitoral. Sua experiência em Minas Gerais continua sendo um ativo, mas não se transformou numa narrativa nacional que empolgue o eleitor de direita.

Quem mais se encaixa no figurino de candidato antissistema é Renan Santos, que centraliza sua campanha na radicalização do discurso da segurança pública, ao lado da defesa do ajuste fiscal e das críticas simultâneas a Lula e a Flávio. Ao apresentar as prioridades iniciais de seu governo, destacou: “Os brasileiros precisam sentir nos seis primeiros meses uma queda nos juros, um aumento no poder de compra e a redução do medo de sair na rua”.

Apesar disso, reconhece que, em regiões sem atividade econômica, “o Bolsa Família se torna uma necessidade”. As duas frases mostram uma candidatura que tenta reunir liberalismo econômico, endurecimento na segurança e manutenção temporária da proteção social. Entretanto, o tom agressivo empregado contra Lula, Flávio e o crime organizado pode não sair da sua bolha, em vez de ampliar sua aceitação junto ao eleitorado moderado.

INVESTIGAÇÃO

PF quer 3º inquérito contra Lulinha

» RENATO SOUZA

A Polícia Federal pediu a abertura de um terceiro inquérito contra Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha. Na semana passada, a corporação já havia solicitado duas investigações contra o filho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por suposto tráfico de influência e corrupção — ambas foram autorizadas pelo ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF). A primeira apura possível atuação de Lulinha para autorizar a comercialização de cannabis medicinal por meio de programas do Ministério

da Saúde. A segunda é sobre contratos junto à Dataprev, empresa de tecnologia do governo federal.

O terceiro inquérito pretendido pela PF é para investigar se Lulinha atuou para favorecer a empresa 3Structure It Ltda, da área de tecnologia e que tem contratos vigentes de R\$ 55.721.051,62 com o Executivo.

A informação foi confirmada pelo **Correio** junto de fontes na corporação. No Supremo, ainda não houve a definição de um relator para o caso. Mas é provável que a investigação seja conduzida por Mendonça por prevenção, já que ele conduz os outros dois inquéritos.

Em um dos inquéritos que já estão em andamento, a suspeita é de que Lulinha tenha cometido tráfico de influência e corrupção na autorização da comercialização de cannabis medicinal por meio de programas do Ministério da Saúde. No pedido de abertura de inquérito, a PF cita parceria de Lulinha com Roberta Luchsinger e o lobista Antonio Carlos Camilo Antunes, o Careca do INSS. O trio teria atuado no mercado de canabidiol a favor da empresa World Cannabiss, ligada a Antonio Carlos.

Lulinha e Roberta negaram atuar no mercado de cannabis e de realizar qualquer tentativa de

beneficiar a empresa World Cannabiss. Os advogados do filho do presidente Lula disseram, anteriormente, que o cliente “tampouco recebeu convite para associação, participação ou compra de cotas”.

Roberta Luchsinger afirmou que prestou consultoria para o Careca do INSS na área de cannabis, mas que o contrato não tratou do comércio de nenhuma substância.

Ao STF, os investigadores pedem o compartilhamento de informações já coletadas na Operação Sem Desconto. Entretanto, apontam que a situação é alheia aos descontos ilegais contra aposentados.